**ESQUIZOANÁLISE: UMA INTRODUÇÃO PELA VIA DO DESEJO.**

**Inserir os autores conforme exemplo abaixo, para cada autor:**

**Lailson André Fernandes**

Graduando em Psicologia - UNIFAMETRO

lailsonafernandes@gmail.com

**Marcus Kleredis Monteiro Vieira**

Docente UNIFAMETRO

Marcus.vieira@professor.unifametro.edu.br

**Área Temática:**Processo de Cuidar

**Área de Conhecimento:** Ciências da Saúde

**Encontro Científico:**XI Encontro de Iniciação à Pesquisa

**RESUMO**

**Introdução:** O psiquiatra e psicanalista Félix Guatarri juntamente com Gilles Deleuze, durante o período de maio de 68, começaram a escrever sobre a necessidade de criar novas formas de viver. Com uma sólida base teórica filosófica, os autores fugiram da psicologia, por considerar que as abordagens mantinham o status quo, e agenciam suas forças para pontuar os equivocos daquela que poderia contribuir com uma nova construção social, mas que falha em sua arquitetura conceitual: a psicanálise. **Objetivo:** Apresentar, de forma introdutória, principalmente aos leitores que nunca ouviram falar deste tema, a pergunta motora para esta temática: que é esquizoanálise? **Resultados:**A esquizoanálise considera que a psicanálise,erguida sobre a ideia que atravessa a história da racionalidade ocidental, desde Platão, de que o desejo é sempre de algo que falta, e na idéia do Complexo de Édipo, a própria psicanálise funciona como um aparato de contenção do desejo e repressão de novas formas de vida. Neste sentido, a esquizoanálise propõe uma inversão radical de adaptação ao modelo clínico e ao modelo socialmente estabelecido pelo capitalismo que busca a castração de novas formas de vida e de relações. **Método:** A partir de uma revisão bibliográfica das principais obras da esquizoanálise, o presente trabalho não possui um fluxo linear de exposição, mas um fluxo livre em que os conceitos podem escapar das tentativas de querer apreendê-lo em um único parágrafo. **Considerações finais:**Pode-se perceber a necessidade subjetiva e social da emergência e efetivação da esquizoanálise para a realização de novas formas de vida, mais potentes e mais pulsantes de vida.

**Palavras-chave:** Esquizoanálise; Psicanálise; Ética.

**INTRODUÇÃO**

Deleuze e Guattari se conheceram em 1969 na clínica La Borde, que estava sob direção de Guattari. Impulsionados pelas trincheiras dos desejos do movimento de Maio de 1968 na França, estes resolveram conversar e trocar ideias sobre filosofia, política, psicologia, psicanálise e as práticas que Guattari desenvolvia na clínica psiquiátrica. O ponto de encontro para a criação de um novo conceito foi a prática psicanalista. O principal livro dos autores foi publicado em 1972 e chamado de *O Anti-Édipo*, considerado a primeira parte de uma construção maior chamado Capitalismo e Esquizofrenia, que ganhou existência com a publicação do segundo tomo em 1980, intitulado *Mil platôs*. Esta obra é uma crítica radical à prática clínica da psicologia, da psiquiatria e da psicanálise, até então dominante. Utilizando conceitos centrais de alguns filósofos como David Hume, Spinoza, Henri Bergson, Michel Foucalt, F. Nietzsche, entre outros, os autores trazem a apreensão e criação de relações sem falta e sem carência, pois ao desejo, nada falta.

Estes não buscavam a criação de uma prática clínica ou de uma nova abordagem dos problemas “psis”[[1]](#footnote-2), mas um investimento em outros jeitos de viver. Dessa forma, o nome *Análise*, que acompanha o *esquizo*, termina por confundir muitas pessoas que se aproximam desta construção na busca por sessões e tratamentos comuns às práticas psis (embora a esquizoanálise possa atravessar, também, as práticas clínicas).

A grande e polêmica questão que a esquizoanálise traz para a área da psicologia e, portanto, da psicanálise clínica é a crítica do desejo como falta, afinal, em toda história ocidental vivenciamos o desejo como falta. Já para a área de uma psicologia social, ela nos proporciona meios de pensar e destruir as prisões que nos capturam e que muitas vezes desejamos, uma vez que a principal invenção do capitalismo não foi o dinheiro, mas a produção de desejo.

A sociedade contemporânea, possui a necessidade de fabricação da impotência em massa, principalmente por meio da tecnologia. Com o advento da falta como motor da psique humana, conforme aponta a psicanálise, o que se criou foi a construção da impotência humana cercada de objetos que a cultura impõe para o convívio social e que a grande maioria das pessoas nunca terá acesso.

Neste sentido, a esquizoanálise faz-se necessária, para apontar o erro de vermos a falta como motor das ações humanas, pois se o desejo é constituído por uma falta que nunca deixa de faltar e o ser humano vive no plano de imanência, ou seja, no plano do real, então o objeto do desejo é de natureza ideal, espiritual e, portanto ele não pode fabricar mais do que representações fantasmagóricas e ou fetichizadas. Dessa forma a falta que é introjetada, é o espaço de criação do desejo capitalístico, pois a incessante falta gera a doença e o delírio, que para a esquizoanálise, não é individual, mas coletivo, pois o delírio é coletivo, social, histórico, político, cultural, espiritual, entre outros.

Guy Debord(2000) em *Antologia* do grupo em que fazia parte chamado Internacional Situacionista, ainda na década de 1950, afirma que a produção de imagens em seqüência contribui para que o indivíduo perca seu caráter de sujeito e se torne espectador. Ao perceber a ampla adesão social às imagens que rapidamente passavam em uma tela e as pessoas inertes em uma sala, Debord pontua que o capitalismo, com a criação da seqüência de imagens em alta velocidade e sua manipulação, fez com que as pessoas passassem a se identificar não com o herói, mas com aquele(a) que precisa ser salvo por um herói. Neste sentido, a Esquizoanálise utiliza este pensamento para investir contra o eterno retorno, que nunca vai embora, mitológico da psicanálise, afinal se estamos sempre no território mítico onde as figuras são as mesmas e apenas corpos se alternam, então esta leitura de inconsciente serve somente para capturar nossas forças de criação, de fuga e de liberdade. O insconsciente psicanalítico coloca a liberdade humana em um zoológico que não há como sair e todas as possibilidades (limitadas) estão ali, em um determinado espaço imposto por essa mitologia de Édipo, de Narciso, entre outros. Dessa forma a psicanálise contribui para que nos tornemos animais reativos, em que se estivermos descontentes ou impossibilitados, temos apenas um cenário para agirmos nele. Fora do Édipo, nenhuma paixão é possível.

A esquizoanálise tem o compromisso com a liberdade humana na medida em que apresenta o desejo (não como falta) e a criatividade como os principais motores para mantermos uma existência sadia e apaixonante na sociedade capitalística.

Longe de uma perspectiva clínica e de métodos que capturam o desejo de escrever, fazendo-nos procurar conceitos nossos em livros de defuntos ilustres, o presente trabalho se utiliza de um dos métodos esquizoanalíticos, a saber o rizomático, para apresentar o conceito de esquizoanálise como jeito de viver, a partir de críticas pontuais à psicanálise elaboradas por Deleuze e Guattari.

**METODOLOGIA**

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica elaborada a partir de pesquisa e leitura crítica das principais obras de esquizoanálise. O texto encontra-se escrito de acordo com dois métodos de exposição criados por Deleuze e Guattari que é o Rizomático, no qual podemos verificar que um conceito inicia-se em um parágrafo e o mesmo não segue uma linha cronológica, ocasião em que podemos verificar o mesmo aparecer em momentos distintos do texto, sem perder ou reduzir o valor textual, associado à uma escrita de bricolagem, em que podemos utilizar vários conceitos, figuras e criticas, ou até mesmo “desviar múltiplas coisas deste ou daquele conjunto funcional para vários outros” ( 2013, p.11), a fim de apresentar de forma introdutória o objeto deste trabalho.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Michel Foucault (1926-1984) em seu texto *O anti-édipo: uma introdução à vida não fascista* , faz uma forte e direta introdução à esquizoanálise. Neste texto, ele apresenta que nos anos de 1945 à 1965, seria impossível pensar em liberdade sem o arcabouço teórico de Marx, Freud e a compreensão dos signos, mas isso mudou a partir de 1966 com a velocidade dos anos apaixonados motivados pelas resistências de Cuba e Vietnã, justamente por ter ocorrido um rompimento com estas três visões anteriores pois em 1968 as lutas não possuíam o modelo marxista e nem mesmo as experiências e tecnologias do desejo poderiam ser lidas pela visão freudiana, afinal o combate social havia conquistado novas zonas.

O texto de Foucault é, ainda uma excelente introdução à esquizoanálise, pois ele afirma que os texto de Deleuze e Guattari mostra o que a psicanálise percorreu, não perde tempo atacando-a, mas se diverte com as idéias psicanalíticas. O autor ainda escreve que esta não é “a” nova referencia teórica totalizante e nem tranqüilizante, principalmente em uma sociedade que busca a dispersão e a especialização. Ao contrário, o Anti-édipo, livro em que a esquizoanálise é apresentada, é a análise da relação do desejo com a realidade e com a máquina capitalista, em que deve-se buscar menos o “por que” e mais o “como”, pois neste livro consta os procedimentos de atuação subjetiva frente a um sistema que captura tudo o que existe e que não é o anti-pai nem o anti-mãe, mas o anti-édipo, ou seja, é a crítica à forma com que realizamos esta relação.

O leitor, quando se depara com estas observações que Foucault realiza, então se questiona: O que a proposta da esquizoanálise traz de nova?. O método rizomático afirma que há várias portas de entradas em um conceito e a porta de entrada para esta reflexão será a libertação do desejo. A esquizoanálise é uma força aliada à libertação do desejo, que atua a partir daquilo se apresenta em nós, ou seja, a partir da potência que existe e que se efetua diariamente em cada um de nós. O desejo como falta, só pode ser afirmado quando somos dominados por uma paixão (quando uma força exterior a nós, determina a forma, como e o que agimos e pensamos). Quando o exterior, a falta, controla o desejo, automaticamente é instalado o limite das ações e dos acontecimentos, pois passamos a existir em prol daquilo que não temos e que na ausência desse objeto faltante, o desejo continuaria a desejar, de forma muito mais potente, porque não estaria limitado por um objeto.

Fuganti (2021) afirma que o desejo como falta das clínicas e teorias psis geram quatro prisões: do corpo, que aprisiona os movimentos intensivos que os produzem ou que captura os movimentos intensivos; da mente, que aprisiona ou captura a partir de um certo uso da linguagem, regime de linguagem que aprisiona ou captura o pensamento e sua produção de pensamento afirmativo; do desejo, que aprisiona ou captura as nossas potências afetivas, nossos afetos ativos fazendo com que nossos afetos passivos se tornem dominantes em relação aos nossos afetos ativos, propagam que o corpo orgânico se torne dominante em relação à um corpo sem órgãos, que um pensamento negativo e reprodutor do reconhecimento se torne dominante em relação ao pensamento criador; da crença nos valores, nas significações, no progresso humanista e identitário, criador de uma prisão subjetiva.

A inversão proposta por Deleuze e Guattari é a de que o verdadeiro problema do desejo é encontrarmos seu campo de imanência, uma vez que eles foram separados, ou seja, é necessário deixar de investir no objeto faltante para investir em um acontecimento. O desejo deseja um acontecimento e não uma falta, um buraco. Em outras palavras, o desejo nos leva a agir, criar, viver o instante e não a buscar algo que falta. Essa criação de novos modos de existência é a subjetivação.

Uma outra porta para apresentarmos a esquizoanálise é a da psicopatologia. A separação da vida daquilo que ela teria potência de ser, ocasiona as doenças psíquicas, portanto faz-se necessário e urgente conectar a vida ao que ela pode, mas não se refere ao desejo limitado imposto moral e socialmente. A saúde está na medida em que permitimos que o desejo transforme potencia em ato, sem sermos capturados pela construção social, porque todo combate político, desejo de nova sociedade libertada, libertária, altiva, criadora de si, alegre, declina-se na medida em que investimos em organizações exteriores à nós mesmos (messias, líder, organização, educação, que sempre fará o papel de tutela) para nos salvar.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta perspectiva, o inconsciente, para a esquizoanálise, não é um teatro em que as situações e acontecimentos encenam fatos do passado, mas exalta o poder criativo, produtivo do inconsciente e o poder afirmativo do desejo. As ações propostas são unitárias, não totalizantes e que não buscam o poder. Acima de toda clínica e de toda construção teórica, a Esquizoanálise é um modo de vida que não pode se contentar com uma vida esgotada.

**REFERÊNCIAS**

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: contraponto, 2000.

DELEUZE, Gilles. Conversações. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka: Por uma literatura menor.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo.** 3.ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi, Rio de Janeiro: Editora 34, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **O Anti-édipo: Uma introdução à vida não fascista.** Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro. Cadernos de Subjetividade. São Paulo: Editora PUC, v.1. n.1. p.198-200, 1993.

FUGANTI, Luiz. **Saúde, Desejo e Pensamento: as origens da filosofia nômade.** São Paulo: MOJO, 2021.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Antologia.** Lisboa: Antigona, 1997.

**ATENÇÃO: O trabalho deverá ter entre 5 (cinco) a 7 (sete) laudas e seguir as seguintes especificações:**

**Título:** Arial ou Times New Roman tamanho14; Negrito; Caixa Alta; Centralizado.

**Subtítulos (autoria):** Arial ou Times New Roman,12 – negrito;

**Subtítulos (instituição e email):** Arial ou Times New Roman,10;

**Corpo do texto:** Arial ou Times New Roman12**;**

**Espaço entrelinhas:** No corpo do texto**,** antes e depois 0pt e entre linhas 1,5;

**No Resumo**: entrelinhas simples.

**Notas de ‘rodapé:**Arial ou Times New Roman10.

1. Os autores denominam saberes *psis*a psicologia, psicanálise e psiquiatria. Colocam todas no mesmo pacote por considerar que estas servem para a manutenção da estrutura social, tal como se apresenta, principalmente o machismo e o fascismo. [↑](#footnote-ref-2)